



3º Encontro de Pesquisa
em Informação e Mediação

unesp



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



III ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (III EPIM)

MEDIAÇÃO DA LEITURA A PARTIR DA OBRA “CAPITÃES DA AREIA”

Tânia Regina de Brito - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Fernando Cruz Lopes - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Gisele Aparecida Ribeiro Sanches - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: A literatura é o exercício da palavra escrita que proporciona aos leitores a desacomodação de seus mundos confortáveis. A leitura de textos literários coloca em contraste a realidade vivida pelo leitor e o universo da ficção apresentado pelo autor formando um processo interativo e provocador de significação e ressignificação. Como uma experiência sensível, o livro *Capitães da Areia* do escritor baiano Jorge Amado conta a história de um grupo de meninos que perambulam pelas ruas de Salvador e, que para sobreviver, assaltam pessoas e residências. Usam como trapiche abandonado, uma espécie de armazém na beira do cais. Mesmo diante de um contexto de vulnerabilidade social em que são analfabetos e não possuem acesso ao livro e à leitura, a obra mostra que a mediação da leitura pode acontecer. Para tanto, o artigo objetiva oferecer uma reflexão sobre a informação e o conhecimento sob o prisma da mediação oral da informação e da leitura, a partir da leitura e análise de algumas passagens da obra. Trata-se de estudo com abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica realizada, envolvendo temáticas tais como: leitura, mediação da informação e da leitura, informação, crianças em situação de rua. Compreende-se que no livro o personagem “Professor” exerce a figura de um mediador da leitura, mediando informações, sonhos, histórias, transformando a dor da realidade vivida pelos garotos. Tal figura relevante dentro do grupo de garotos abandonados só foi possível emergir porque o referido personagem tinha o livro e a leitura como um valor estético, mas também por partilhar com seus colegas de grupo os mesmos dramas existenciais, histórias e vivências.

Palavras-Chave: Leitura; Mediação oral da leitura; Capitães da areia; Jorge Amado.

MEDIATION OF READING FROM THE NOVEL “CAPTAINS OF THE SANDS”

Abstract: Literature is the exercise of the written word that provides readers contact with the non-comfort of their comfortable worlds. The reading of literary texts contrasts the reality experienced by the reader and the universe of fiction presented by the author, forming an interactive and provocative process of meaning and reframing. As a sensitive experience, the book *Captains of the Sands* by the Bahian writer Jorge Amado tells the story of a group of boys who roam the streets of Salvador and who, in order to survive, assault people and houses. They use an abandoned trapiche as a dwelling, a kind of warehouse on the edge of the pier. Even in the face of a context of social vulnerability in which they are illiterate and do not have access to books and reading, the work shows that mediation of reading can happen. To this end, the article aims to offer a reflection on information and knowledge from the perspective of oral mediation of information and reading, from the reading and analysis of some passages in the work. This is a study with a qualitative approach, based on the bibliographic research carried out, involving themes such as: reading, mediation of information and reading, information, street children. It is understood that in the book the character “Teacher” plays the role of a mediator of reading, mediating information, dreams, stories, transforming the pain of the reality experienced by the boys. Such a relevant figure within the group of abandoned boys was only possible to emerge because that character had the book and reading as an aesthetic value, but also for sharing with his group colleagues the same existential dramas, stories and experiences.

Keywords: Reading; Oral mediation of reading; Captains of the Sands; Jorge Amado.

MEDIACIÓN DE LECTURA DE LA OBRA “CAPITANES DE LA ARENA”

Resumen: La literatura es el ejercicio de la palabra escrita que proporciona a los lectores la perda de comodidad de sus mundos cómodos. La lectura de textos literarios contrasta la realidad vivida por el lector y el universo de ficción presentado por el autor, conformando un proceso interactivo y provocador de significado y reencuadre. Como experiencia sensible, el libro *Capitanes de la arena* del escritor bahiano Jorge Amado cuenta la historia de un grupo de niños que deambulan por las calles de Salvador y que, para sobrevivir, asaltan personas y hogares. Usan un trapiche abandonado como vivienda, una especie de almacén al borde del muelle. Incluso ante un contexto de vulnerabilidad social en el que son analfabetos y no tienen acceso a libros y lectura, el trabajo muestra que la mediación de la lectura puede ocurrir. Para ello, el artículo pretende ofrecer una reflexión sobre la información y el conocimiento desde la perspectiva de la mediación oral de la información y la lectura, a partir de la lectura y análisis de algunos pasajes de la obra. Se trata de un estudio con enfoque cualitativo, basado en la investigación bibliográfica realizada, que involucra temas como: lectura, mediación de la información y lectura, información, niños de la calle. Se entiende que en el libro el personaje “Profesor” desempeña el papel de mediador de la lectura, mediando información, sueños, historias, transformando el dolor de la realidad vivida por los chicos. Una figura tan relevante dentro del grupo de niños abandonados solo pudo emerger porque ese personaje tenía el libro y la lectura como valor estético, pero también por compartir con sus compañeros de grupo los mismos dramas, historias y vivencias existenciales.

Palabras-Clave: Leer; Mediación oral de la lectura; *Capitanes de la Arena*; Jorge Amado.

1 INTRODUÇÃO

Em *Capitães da Areia*, obra do escritor baiano Jorge Amado, publicada em 1937, retrata as mazelas da sociedade soteropolitana da década de 1930, um período de instabilidade social e política Brasil, refletida na literatura, com o surgimento do *romance de 30*.

Na esfera política, em 1935, Getúlio Vargas decretou o fechamento da sede da Aliança Nacional Libertadora, formada por comunistas, socialistas, tenentistas e sindicatos que defendiam a nacionalização de empresas estrangeiras, e apresentavam toda espécie de reivindicações populares, e cujo presidente de honra era Luís Carlos Prestes, conhecido por suas lutas contra as elites. No mesmo ano do lançamento da obra *Capitães da Areia*, Getúlio suspendeu as eleições presidenciais que seriam realizadas em 1938, alegando ameaça comunista, e contando com o apoio das Forças Armadas. No mesmo período, o presidente Vargas implantou o Estado Novo, um regime de força, com uma Constituição imposta e que lhe deu poderes para fechamento do Congresso Nacional, dissolução de partidos, nomeação de interventores para os Estados. Getúlio passou a representar a própria Nação, abraçando ideias de Hitler, Mussolini e Salazar (SCHROEDER, 1996).

Na literatura, o romance de 30, caracterizado como da segunda fase modernista, se apresentou como um movimento de conscientização da sociedade brasileira, com a denúncia dos problemas sociais que atingiam o país. Para Bosi (2015, p. 16), o movimento foi além, pois “Os que nele estrearam ainda escreveriam ao longo do decênio de 40 quando se assinala a lenta passagem para outras formas de escrita ficcional.” Escritores como José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado são alguns dos nomes deste período. Para Duarte (2015, p. 106), “Amado exerce seu talento de rapsodo e enxerta em seus enredos desde histórias captadas aqui e ali a fatos reportados pela imprensa, como em Capitães da areia [...]”.

A obra em questão trata de assuntos sociais fragilizados daquela sociedade, principalmente o abandono e vulnerabilidade de menores, a pobreza da vida na rua e a violência da sociedade. No entanto, a relação de seus personagens com a informação e o conhecimento permeia toda obra. De início identifica-se uma relação e aproximação com temas de discussão pertinentes com a situação atual do Brasil, visto envolver pessoas em situação de rua e suas necessidades informacionais, bem como o acesso a essas informações. Identifica-se ainda, mesmo que de modo informal e não consciente, uma rede de informações no enredo e trama do romance, e com ela personagens mediadores de informações, de leitura, vislumbrando-se a mediação, sobretudo, sob a perspectiva da mediação de leitura e mediação oral da literatura.

Tal escolha deu-se pelo fato de que na literatura científica são encontradas modalidades diversas de mediação, algumas delas reunidas no trabalho de dissertação de Santos Neto (2014), que a partir de estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa da UEL “Interfaces: Informação e Conhecimento” apresentou as com mais proximidade com a área da Ciência da Informação.

Segundo o autor supracitado, o fazer e a ação de interferência estão em todos os tipos de mediação que foram coletados para a pesquisa, e acrescenta: “Enfatizamos mais uma vez que a mediação não é passiva, ela é intencional, ainda que não seja de modo consciente. A mediação caracteriza-se por ser colaborativa, participativa e potencialmente transformadora.” (SANTOS NETO, 2014, p. 67).

Durante a leitura de Capitães de Areia (Jorge Amado), buscou-se voltar o olhar para passagens que permitissem uma reflexão acerca da informação e do conhecimento e uma compreensão dos agentes mediadores, o qual será tratado em seção específica. Adianta-se,

contudo, que a leitura, para o grupo de meninos representados na obra de Jorge Amado, era um momento de sonhar, em que ao mesmo tempo, eram permitidos e permitiam-se participar, acionando o gatilho para a transformação, mesmo que momentânea.

Neste artigo, a informação, o conhecimento, assim como a mediação da informação e da leitura são abordadas num contexto de vulnerabilidade social, levando-se em conta que os sujeitos informacionais, leitores e ouvintes da leitura são meninos em situação de vulnerabilidade, e que vivem pelas ruas e dormem em trapiche abandonado à beira da praia.

De acordo com Almeida Júnior (2015, p. 26) a “[...] mediação da informação diz respeito à satisfação informacional do usuário.” Embora tal satisfação seja parcial e momentânea, visa à apropriação da informação. Assim, as histórias lidas ou imaginadas naquele momento de partilha por um dos garotos do grupo, satisfaziam os demais membros do bando conhecidos como Capitães da Areia, bem como ao próprio mediador que durante a leitura sentia-se importante (valorizado) e útil ao grupo, em que seus parceiros tinham o abandono como um sentimento em comum.

Em passagem da obra ora analisada, o personagem João Grande, analfabeto, em diálogo com o Professor, único dos Capitães da Areia que é leitor assíduo, contador e mediador de leituras:

João Grande ficou muito tempo atento à leitura. Para o negro aquelas letras nada diziam. O seu olhar ia do livro para a luz oscilante da vela, e desta para o cabelo despenteado do Professor. Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente:

_Bonita, Professor?

Professor desviou os olhos do livro, bateu a mão descarnada no ombro do negro, seu mais ardente admirador:

_Uma história zorreta, seu Grande – seus olhos brilhavam.

_De marinheiro?

_É de um negro assim como tu. Um negro macho de verdade.

_Tu conta?

_Quando findar de ler eu conto. Tu vai ver só que negro...

E volveu os olhos para as páginas do livro [...] (AMADO, 2019, p. 30-31).

Assim, nesse papel de mediador, o personagem Professor, é compreendido neste artigo com o que afirma Bortolin (2006, p. 67): “[...] em se tratando de leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto.”, estando em consonância com mediação da leitura. Por outro lado, como era o único dos Capitães da Areia com fluência na leitura, sendo o “contador de histórias” entre os garotos do trapiche, alinha-se com a mediação oral da literatura, sendo “[...] toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando a aproximar o leitor-ouvinte de

textos literários seja por meio da *voz viva* ou da *voz mediatizada*.” (BORTOLIN, 2010, p. 137, grifo da autora).

No processo da mediação oral da leitura, é basal entender os mecanismos que serão possíveis classificar como oralidade, e que Bortolin (2010, p. 2) coloca bem no começo de sua tese: “[...] a) oral refere-se à boca, isto é, ‘[...] a tudo aquilo que se transmite pela boca’, podendo ser palavras e sons; b) expressão oral é a expressão por meio da fala e c) tradição oral são os conhecimentos transmitidos de *boca ao ouvido*.” Tende-se a relacionar a oralidade apenas ao *logos* (λόγος), mas muita coisa é oralidade, faz sentido e não está construída na lógica.

Para Zumthor (2007, 2010), a recepção acontece porque a transmissão está baseada em uma série de fatores, entre eles: a performance. A oralidade não caminha sozinha, ela é um conjunto de acordos entre: sons, palavras, vocalidade, sentido, lógica, gesto e corpo. O acordo também acontece entre os atores envolvidos e a sua construção simbólica. Como coloca Arantes *et al.* (2013) na figura 1, a comunicação oral tem um viés muito dinâmico e que fundamentalmente precisa ser analisada antes de ser assimilada como um elemento com sentido.

Figura 1 - Oralidade na comunicação



Fonte: Adaptado de Arantes *et al.* (2013).

Aproximar de textos literários os meninos do trapiche, era o que o personagem Professor fazia, dar sentido ao conhecimento que era transformado pela leitura. No seu lugar preferido e sabido pelo bando, “Lá está ele, no mais longínquo canto do casarão, lendo à luz de uma vela.” (AMADO, 2019, p. 29). Livros, jornais, histórias inventadas, um prazer percebido durante o decurso da leitura do Capitães da Areia, que parece ter sido superado apenas

quando, ao ouvir a música da pianola, que tocava uma valsa no velho carrossel de cores desbotadas, o Sem-Pernas já não pensava “[...] em se jogar do mar, onde os sonhos são todos belos” (AMADO, 2019, p. 66). E quando finalmente pode subir e andar no carrossel, era como “Uma viagem como o Professor nunca leu nem inventou. Seu coração bate tanto, tanto, que ele o aperta com a mão (AMADO, 2019, p. 68).

Diante do exposto e a partir das reflexões apresentadas ao longo do artigo, propõe-se como objetivo oferecer uma reflexão sobre a informação e o conhecimento sob o prisma da mediação oral da informação e da leitura, a partir da leitura e análise da obra *Capitães da Areia* do escritor Jorge Amado.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O trabalho tem uma abordagem de natureza qualitativa, pois se trata de uma abordagem reflexiva acerca da leitura, do conhecimento e da informação, a partir da obra literária *Capitães da Areia* de Jorge Amado. Para dar embasamento às reflexões recorre-se a uma pesquisa bibliográfica em artigos, livros e dissertações que contemplem as temáticas sobre leitura, mediação da informação e da leitura, informação, crianças em situação de rua.

Também recorreu-se ao Google Acadêmico, onde foi feita uma busca seletiva, utilizando-se as palavras-chave em português: mediação da leitura, mediação da informação, mediação oral da literatura. Em espanhol o termo de busca foi: niños em situación de calle.

A partir da leitura e análise dos materiais bibliográficos recuperados, foram selecionados aqueles que mais se aproximassem ou pudessem contribuir com a temática, o que permitiu uma análise da obra *Capitães da Areia* (Jorge Amado), associando as temáticas da Ciência da Informação (como mediação, informação, conhecimento, e outras já anteriormente citadas), a partir de uma leitura mais apurada, e com o olhar voltado ao objetivo deste artigo.

Recorreu-se ainda a uma pesquisa na versão digital da obra para se ter uma noção da recorrência durante o texto de palavras que pudessem estar associadas à temática da leitura, cujos resultados serão apontados na seção 4.

3 CAPITÃES DE AREIA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A obra de 1937, *Capitães da Areia*, relata a história de um grupo de meninos, abandonados ou que fugiram de casa, vivem nas ruas e que, para sobreviver, assaltam pessoas

e residências na cidade de Salvador, Bahia. Vivem no trapiche abandonado (uma espécie de armazém na beira do cais).

Capitães da areia é um registro social, fornecendo informações sobre uma época e lugar, no caso Salvador, e que mostra o drama humano, abordando questões sociais, como a pobreza, tortura dessas crianças, o abandono da família, epidemia de bexiga (varíola). Aos ricos, vacina. Aos pobres, o lazareto, um lugar para onde eram enviados os pobres, sem higiene e praticamente uma sentença de morte. Então, comparando o que a obra aborda com a realidade atual, percebe-se que de lá para cá, a situação não mudou, vem inclusive sendo agravada, pois em 2021 são milhares de pessoas vivendo nas ruas do país, dentre elas, crianças que nascem de pais que se encontram em situação de rua. A epidemia da COVID-19, ocasionada pelo novo coronavírus, continua mostrando que os pobres são os mais vulneráveis, levando ao questionamento de quem serão os últimos a vacinar?

Através da obra obtemos informações sobre uma determinada época, suas questões sociais, informações sobre a população ou parcelas da população, questões de saúde pública, o que a sociedade avançou ou não em relação a várias questões. A rede formada pelo grupo mostra bem o conhecimento tácito, pois cada um tem o conhecimento de algo, o que adquiriram ao longo da vida, pela experiência.

Embora seja um romance, Jorge Amado tentou tratar da questão com verossimilhança, pois ele dormiu no trapiche com os meninos. Segundo Zélia Gattai, sua esposa:

A temática das crianças que vivem nas ruas continua bastante atual. Para escrever Capitães da Areia, Jorge Amado foi dormir no trapiche com os meninos. Isso ajuda a explicar a riqueza de detalhes, o olhar de dentro e a empatia que estão presentes na história. (AMADO, 2019, [p. 263]).

Então, talvez por isso o autor consiga traduzir tão bem a angústia e dor desses meninos. Jorge Amado transmite uma visão piedosa dos mesmos, pelo fato de terem sido abandonadas. Mostra empatia, por exemplo, em passagem com o personagem Pirulito que justificava os furtos, as brigas, os xingamentos dos Capitães da Areia:

Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. (AMADO, 2019, p. 106).

É uma obra que lida com questões presentes e cada vez mais discutidas na sociedade, como o racismo, violência contra a mulher, preconceito contra pobres, homofobia, etc. Ou

seja, são questões que a sociedade ainda está lutando contra ou buscando discussões para informar a sociedade, para que tenhamos um mundo mais justo.

Em algumas passagens (sobretudo na primeira parte da obra), Jorge Amado apresenta notícias publicadas pela mídia, ficando claro que algumas são manipuladas, para atender aos interesses das classes sociais mais ricas. Então, se percebe a desinformação, pois muitas dessas notícias estão permeadas de elementos mentirosos e/ou manipuladores. Por razões tecnológicas óbvias, na época retratada, não era a Internet uma ferramenta para propagação de tais intenções, mas os jornais. Contudo as hoje chamadas *fake news* e pós-verdade são “[...] novas formas altamente tecnológicas de se deliberadamente produzir e espalhar mentiras, no intuito de favorecer pequenos grupos de poder às custas da mistificação e da opressão do conjunto das pessoas.” (SCHNEIDER, 2019, p. 76-77). Ou seja, são velhas práticas de maior alcance, possibilitadas pelo avanço tecnológico.

Fica evidente a diferença de tratamento dada, por exemplo, para a carta de uma mãe (que tivera um filho menor detido), profissão costureira, e que reclama da violência contra os meninos, e a do diretor do reformatório para onde os meninos eram enviados quando detidos por algum policial. A da mulher (costureira) foi publicada na quinta página do Jornal da Tarde, entre anúncios, e o do homem (diretor) ocupando toda a primeira página do mesmo jornal. O desprezo pela pobreza fica evidente quando o diretor escreve:

Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta [...] Não é uma mulherzinha do povo quem há de compreender a obra que estou realizando à frente deste estabelecimento. (AMADO, 2019, p. 19).

Apesar do desprezo e aversão que os mais abastados e ilustres parecem ter pelos garotos e pelas pessoas mais vulneráveis, observa-se na obra de Jorge Amado, elementos ambíguos, em consonância com os resultados da pesquisa de García Silva, após estudar os meninos em situação de rua da cidade de Buenos Aires na Argentina:

Sus itinerários, sus memórias, los relatos de sí mismos, oscilan entre experiencias de abandono y asistencia; rechazo y reconocimiento; sumisión y autonomía; angustia y valentía; estigmatización y orgullo; sufrimiento y placer. Sus subjetividades se forja al calor de sentimientos de indiferencia y aislamiento y de fuertes deseos de pertenecer y ser. (GARCÍA SILVA, 2014, p. 23)

No microcosmo ficcional apresentado por Jorge Amado, as dualidades apontadas na pesquisa de García Silva (2014), podem ser observadas quando, por exemplo, Sem-Pernas

foge dos guardas, e ao mesmo tempo em que o autor lembra que os corações de outras crianças, da idade do personagem, permanecem puros de sentimentos, aos dez anos:

[...] o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Amava unicamente o seu ódio, sentimento que o fazia forte e corajoso apesar do defeito físico. Uma vez uma mulher foi boa para ele. Mas em verdade não o fora para ele e sim para o filho que perdera e que pensara que tinha voltado. De outra feita outra mulher se deitara com ele numa cama, acariciara seu sexo, se aproveitara dele para colher as migalhas do amor que nunca tivera. Nunca, porém, o tinham amado pelo que ele era, menino abandonado, aleijado e triste. (AMADO, 2019, p. 243).”

Muitos são os personagens do livro, porém segundo o romance, acerca dos Capitães da Areia, bando formado por crianças vítimas do abandono da família e descaso dos governantes, vivendo do furto para sobreviver, “Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche.” (AMADO, 2019, p. 27). Observa-se, durante a leitura, que o conjunto ou elemento coletivo representado pelos Capitães da Areia é o protagonista da obra. Embora o grupo tenha um líder (Pedro Bala), ele não pode ser considerado o principal do romance. Cada membro representa uma peculiaridade e a personalidade de cada um conduz o eixo da obra de Jorge Amado, definindo a importância do coletivo.

Como neste artigo, focaremos a análise da obra Capitães da Areia em relação à informação e ao conhecimento, sob o prisma da mediação oral da informação e da leitura, o personagem Professor estará em evidência, pois a ele, os autores atribuem o papel de mediador com relevância de ser respeitado e admirado pelo grupo por dominar a arte de ler e contar histórias.

4 A LEITURA NA LITERATURA DE CAPITÃES DA AREIA

A importância da leitura na obra de Jorge Amado encontra destaque na figura do João José, conhecido como Professor. Personagem curioso, certa vez furtou um livro de histórias numa estante de uma casa, tornando-se perito nesses furtos. Interessante, é que nunca vendia esses livros, guardava-os empilhados num canto do trapiche, sob tijolos para os ratos não roerem. Tal cuidado demonstra o valor que os livros e a leitura tinham para ele. Era como que uma preocupação inconsciente com a disseminação da informação e da conservação/preservação dos livros. Era o único que lia entre o grupo, muitas vezes criando suas próprias histórias, embora tivesse frequentado a escola por um ano e meio. Pedro Bala, o líder do grupo, não fazia nada sem antes consultá-lo, pois foi a imaginação do Professor que

criou os melhores planos de roubo. Além de leitor ávido, Professor também era artista, desenhava o rosto de pessoas para ganhar uns trocados. Ou seja, além da literatura, percorria os trilhos das artes, demonstrando inclusive admiração pelo cinema. Professor era em seu âmago, resiliente.

No quadro a seguir, estão destacadas algumas passagens que relacionam o personagem com tais assertivas.

Quadro 1 - A mediação da leitura com base no personagem Professor

Citações do livro <i>Capitães da Areia</i> com referências ao personagem Professor	Observações e comentários
“Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia [...]” (AMADO, 2019, p. 30).	Saber ler, e mediar essa leitura, faz-lhe ser respeitado pelos membros do bando. O gosto pela leitura é genuíno e está em primeiro lugar. Superou o fato de não ter ido à escola como toda criança deveria ter como direito. E assim, “Todo saber traz consigo sua própria superação.” (FREIRE, 2018, p. 35).
“Bom lugar é nos cinemas – disse o Professor voltando-se para o Sem-Pernas.” (AMADO, 2019, p. 33).	Mostra admiração pelo cinema, que não raramente está associado à literatura. Sendo assim, “[...] o cinema retira da literatura parte significativa da tarefa de contar histórias [...] apesar da grande diferença entre a página de um livro e a tela branca do cinema. Ambos acionam sentimentos e se transformam em imagens na mente do homem imaginário.” (PEREIRA, 2009, p. 42)
“_É tu, Volta Seca? Que é que tu quer? _Quero que tu leia pra eu ouvir essa notícia de Lampião que o Diário traz. [...] O Professor buscou uma vela, acendeu, começou a ler a notícia do jornal.” (AMADO, 2019, p. 47).	O Professor, como um bom mediador, também está preocupado com as necessidades informacionais dos outros garotos. Embora não seja um profissional da informação como a entendemos na academia, e manifestado por Santos Neto e Almeida Júnior (2015, p. 365), “[...] a mediação da informação está diretamente ligada às ações implícitas e explícitas, voltadas para o usuário [...]. Esses garotos vulneráveis são os leitores, os usuários da informação.
“Enquanto que o Professor, Pedro Bala, o Gato eram indiferentes às palavras do padre (o Professor, no entanto, gostava dele, pois lhe trazia livros). (AMADO, 2019, p. 75).	Apesar de não concordar com algumas pregações do padre José Pedro, a paixão pela leitura o fazia ter um sentimento bom pelo religioso, pois também acabava sendo um mediador da leitura para o Professor, já que presenteava com livros.
“O professor, com um pedaço de lápis e uma tampa de caixa, desenhava Volta Seca vestido de cangaceiro. Tinha um jeito especial para desenhar e por vezes ganhava dinheiro fazendo desenho, nas calçadas, de homens que passavam, de senhoritas que iam com os noivos.” (AMADO, 2019, p. 78).	Com poucos recursos, o Professor fazia os seus desenhos porque sabia fazê-lo, e ainda era uma forma de conseguir algum dinheiro para comer. “Só poderemos compreender as crianças e adolescentes em situação de rua se compreendermos seu mundo, suas relações de sociabilidade e suas táticas de sobrevivência.” (ANDRADE, 2020, ePub)

III ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (III EPIM)

07 e 08 de Junho de 2021

<p>“_ [...] Tu te lembra daquela história que o Professor leu pra gente? Aquela que tinha um temporal. Batuta... _Era porreta, sim.” (AMADO, 2019, p. 82).</p>	<p>Admiração do grupo pelo mediador, contador de histórias.</p>
<p>“ Pedro Bala riu: _Se o Professor visse isso ficava doidinho... Nunca vi tanto pegadio com livro e pintura.” (AMADO, 2019, p. 114).</p>	<p>Reconhecimento pelos Capitães da Areia da paixão do Professor pelos livros.</p>
<p>“ Professor disse: _É alastrim. Bexiga negra fica logo preta...” (AMADO, 2019, p. 144).</p>	<p>Através da leitura, o professor aprendia e repassava as informações para os demais garotos. Nas palavras de Manguel (2017, p. 266): “Puede que los libros no cambien nuestro sufrimiento, puede que no nos defiendan del mal, puede que no nos digan qué es Bueno o qué es hermoso, y ciertamente no nos protegerán de nuestro común destino final. Pero nos conceden innumerables posibilidades: la posibilidad de cambio, la posibilidad de iluminación.”</p>
<p>“Dora fizera Zé Fuinha dormir, agora se preparava para ouvir Professor ler aquela história tão bonita que estava no livro de capa azul.” (AMADO, 2019, 174).</p>	<p>O mediador contador de histórias era sempre esperado. Segundo Fonseca (2007, p. 81), “Oral é a leitura do contador de histórias, que as narra em voz alta diante de um auditório.” Em Capitães da Areia, o auditório era o trapiche abandonado e escuro onde viviam.</p>
<p>“Professor, à noite, leu a notícia para todos.” (AMADO, 2019, p. 194).</p>	<p>Os garotos ficavam sabendo das notícias por meio da leitura do professor.</p>
<p>“Professor, que sabe muitas coisas, porque à noite lê livros furtados, à luz de uma vela (está comendo os olhos...), lhe disse certa vez que tem mais água no mundo que terra. Tinha lido num livro.” (AMADO, 2019, p. 200).</p>	<p>Sugere que muito do que os meninos aprendiam, vinham das informações repassadas por meio das leituras do Professor, apesar de pouco tempo na escola formal.</p>
<p>“Professor conceberá algum plano para o tirem dali.” (AMADO, 2019, p. 202).</p>	<p>Mostra que o personagem tem uma visão estratégica, traçando os planos para os roubos, para fugas, e outras ações em prol da sobrevivência do grupo, sendo a rede de informação fundamental para o sucesso dessas ações. Embora Feres (2015) refira-se a redes de conhecimento em ambientes organizacionais no âmbito da Ciência da informação, arrisca-se uma comparação com a narrativa de Jorge Amado, já que “As redes representam o mundo em movimento e, mediante as relações entre as pessoas, vão reconstruindo a estrutura social <i>in continuum</i>, sendo a informação o elemento aglutinador no âmbito das redes.” (FERES, 2015, p 222)</p>
<p>“Mas dentro do seu peito vem uma marca de amor à liberdade. Marca que o faria abandonar o velho pintor que lhe ensina coisas acadêmicas para ir pintar por sua conta quadros que, antes de admirar, espantam todo o país.” (AMADO, 2019, p. 223).</p>	<p>Professor consegue se desvencilhar da vida nas ruas e torna-se um artista famoso, com a ajuda de um homem, cujo retrato havia feito certa vez na rua, e viu no rapaz um grande talento. Após a personagem Dora morrer, não via mais sentido continuar ali, e decidiu aceitar ajuda do tal homem. Um dos poucos personagens que têm o curso da vida alterada, pois segundo Andrade (2020, ePub),</p>

	“O espaço da rua, duramente conquistado, constitui o seu mundo e a sua maior lição de vida, é a única “escola” que passam a frequentar sem evadir.” O Professor foi um raro caso de evasão.
--	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Além das evidências extraídas de citações da obra de Jorge Amado, os autores fizeram uma breve contagem de termos que entendem estar associadas à leitura, conforme a seguir.

Quadro 2 - Termos associados à leitura na obra Capitães da areia

TERMOS	QUANTIDADE
jornal	54
história	46
livro	38
carta	24
ler	08
leitura	06
imaginação	03
escrever	03
literárias	01

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Embora o termo “leitura” tenha sido encontrado seis (6) vezes, todas elas foram proferidas pelo narrador, e não pelos personagens. O termo “jornal” é encontrado na primeira parte da obra, em que são colocadas cartas dos leitores para o jornal, cujo assunto eram os Capitães da Areia. São cartas do Padre, de uma mãe, do juiz, do diretor do reformatório, dentre outros. Embora não seja uma introdução à obra, é importante para compreensão do contexto geral e da leitura em si.

Duas (2) das menções ao termo “imaginação” estão associadas diretamente ao personagem Professor. A maioria do termo “ler” tem referência ao mesmo personagem. A outra menção que se faz é em relação a outro menino: trata-se do filho morto da personagem Dona Ester. Como era de uma família rica, acolheu o Sem-Pernas como filho adotivo, sem saber que era um dos Capitães da Areia, cujo plano era conhecer a casa para que o grupo pudesse assaltá-la. Outra passagem era sobre o Padre que ensinava o personagem Pirulito a ler e escrever. Contudo não há outra passagem indicando se o garoto aprendera de fato a ler ou escrever.

O termo “livro” mencionado trinta e oito (38) vezes, tem mais associações com o Professor do que o termo “história”, ficando claro o seu papel mediador da leitura e até mesmo um vendedor de sonhos para os seus pares, assim como ele, vulneráveis. Como afirma Almeida Júnior (2017, online). “Ler é caminhar pelos espaços do sonho; a leitura possibilita a

vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados [...]”.

Fundamental entender o papel da leitura em uma observação de ordem psicanalítica, que se aproxima das atividades chamadas de sublimação. Ou seja, é a ação que substitui a pulsão, para alguma ação aceita socialmente. Para Freud (1978, p.157), “[...] A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada.”

Portanto, a leitura na abordagem psicanalítica serve como um ponto de escape para o sujeito, um afastamento da realidade. Essa relação da psique humana com a leitura é levantada pela antropóloga francesa Michèle Petit (2010) em *Os jovens e a leitura*, quando relaciona os leitores do meio rural francês e suas experiências sensoriais no ato de ler. Pois, por muitas vezes o ato de ler foi considerado “inútil” em detrimento de todo o trabalho braçal que haveria no dia a dia, mas que ao mesmo tempo, a leitura seria capaz de transgredir aquela realidade. Transpondo o leitor para momentos e realidades distantes, mas tangíveis.

Inclusive, Chartier (2017) menciona que muito da produção do real e construção das bases históricas que as pessoas possuem, é proveniente da literatura. Ou seja, a construção do que são eventos e períodos históricos não provém de leituras dos historiadores, mas de obras literárias. Essas pessoas, não apenas constroem uma realidade que transpõe a dela, além disso, valida a construção sistêmica dessa realidade.

Pode-se entender que o papel da leitura em *Capitães da areia* está também concentrado na percepção da dualidade poder/conhecimento. Professor era o único entre os garotos que sabia ler, também é o personagem que é consultado pelo líder Pedro Bala, já que detinha as melhores ideias para execução dos roubos e furtos. Professor não era apenas transportado para outras realidades através do ato de ler, ele também gerava conhecimento para sua sobrevivência, possibilitando a afirmação que sem o conhecimento o grupo não seria tão bem-sucedido nos roubos.

[...] as resistências em relação à leitura são proporcionais ao que ela põe em jogo: o modo como o indivíduo se vincula a um grupo, a uma sociedade. É por isso que um dos primeiros atos que os poderes autoritários realizam é controlar as formas de utilização da linguagem impressa. Por isso também, de modo mais amplo, a solidão do leitor diante do texto sempre foi causa de inquietação. (PETIT, 2010, p.111).

Nesse sentido, é possível entender o medo que o ato de ler causa. Quase que uma sentença para a mudança, para emancipação do indivíduo, a leitura é possibilidade de uma construção simbólica das infinitas possibilidades do sujeito. Não permitir a leitura, não ensinar a ler, controlar os livros sempre foi usado como instrumento pelos indivíduos que detêm o poder.

Na história é possível recorrer a diversos momentos que utilizaram o cerceamento à leitura e aos livros como instrumento de controle. No entanto, até os dias atuais esse posicionamento é utilizado para desestimular e diminuir o ato. Inclusive com governos que permitem a taxação de livros com o argumento que os livros são de consumo dos mais ricos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a UNICEF Brasil (2020) o Brasil avançou ao longo dos anos em relação ao acesso à escola, contudo ainda é um problema presente no país de dimensões continentais, já que 1,9 milhão de crianças e adolescentes permanecem fora da escola. Pela leitura de *Capitães da Areia*, da década de 30, nenhum dos garotos que viviam no trapiche frequentavam escolas, muito menos dominavam a leitura ou a escrita, com exceção do personagem Professor, o chamado intelectual, já nas páginas finais da obra.

Embora Professor mal tivesse frequentado a escola, e não fosse um profissional da informação arrisca-se a compreendê-lo com este papel dentro do grupo. De acordo com Velho e Kuschnir (2001, p. 10): “Mediação é uma ação social permanente, nem sempre óbvia, que está presente nos mais variados níveis e processos interativos.” Para esses autores, os mediadores são agentes de transformação, pois estabelecem comunicação entre grupos e categorias sociais diferentes, lidando com informações, acessos e credibilidade imprescindíveis para sua atuação. E esse era o papel do Professor no grupo, mediando informações, sonhos, histórias, transformando a dor da realidade, mesmo que por um curto espaço de tempo.

Tal papel relevante dentro do grupo de garotos abandonados só era possível porque o personagem amava o livro, a leitura e esse papel mediador. No trecho que se segue, tal paixão é explícita: “Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outros histórias de aventureiros, de homem do mar, de personagens heróicos e lendários [...]” (AMADO, 2019, p. 30).

Muitos são os meninos retratados por Jorge Amado, e muitos se enxergam nas características e representações de alguém do grupo de Pedro Bala. Contudo, na realidade do

Brasil em 2021, poucos conseguirão se ver refletidos como o Professor. Seja pelo acesso à leitura, seja pela capacidade de aprender, mas vive-se em uma sociedade que não entende a importância da formação dos seus cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. **Blog INFOhome**. Out. 2017. Disponível em: https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12. Acesso em: 27 jan. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SIVAL, R. J. (orgs.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

AMADO, J. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. 275 p.

ANDRADE, F. S. **Crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil: táticas de sobrevivência e ocupação do espaço público urbano**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2020. ePub.

ARANTES, F. M. *et al.* O comportamento informacional nos canais informais de comunicação por meio da oralidade. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 265-282, maio/ago., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n37p265>. Acesso em: 16 jan. 2021.

BORTOLIN, S. A mediação de leitura nos espaços infanto-juvenis. *In*: BARROS, M. H. T. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, R. J. (org.). **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006. p. 65-73.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 232f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Estadual Paulista – UNESP. Marília, 2010. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf. Acesso em: 21 fev. 2021.

BOSSI, A. Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30. **Teresa revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 16, p. 16-19, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/issue/view/8684/674>. Acesso em: 12 maio 2021.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 77 p.

FERES, G. G. Competência em informação: interface entre as redes de conhecimento, criatividade e inovação. *In*: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G.; VALENTIM, M. L. P. (org.). **Redes de conhecimento e competência em informação: interfaces da gestão, mediação e uso da informação**. Rio de Janeiro: Interciência, 2015. p. 215-248.

FONSECA, E. N. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007. 152 p.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 38. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2018. 110p.

FREUD, S. **O mal estar na civilização**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GARCÍA SILVA, R. **Los chicos em la calle**: llegar, vivir y salir de la intempérie urbana. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Espacio Editorial, 2014. 200 p.

MANGUEL, A. **La biblioteca de noche**. 2 ed. Madri: Alianza editorial, 2017. 388 p.

NASCIMENTO, E. C. **Nomadismos contemporâneos**: um estudo sobre errantes trecheiros. São Paulo: UNESP, 2008, 124 p.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2010. 189 p.

PEREIRA, O. A. Cinema e literatura: dois sistemas semióticos distintos. **Kaliope**, São Paulo, ano 5, n. 10, p. 42-69, ago./dez., 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/7471/5455>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SANTOS NETO, J. A. **Mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Marília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110288>. Acesso em: 25 jan. 2021.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A competência em informação e o bibliotecário mediador da informação na biblioteca universitária. In: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G.; VALENTIM, M. L. P. (Orgs.). **Redes de conhecimento e competência em informação: interfaces da gestão, mediação e uso da informação**. Rio de Janeiro: Interciência. p. 359-376.

SCHNEIDER, M. CCI/7: Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, A. C.; SCHEIDER, M.; PIMENTA, R. M.; SALDANHA, G. S. **iKritica: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019. p. 73-116.

SCHROEDER, L. Capitães da areia e esteiros. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 30, p. 7-26, mar. 1996. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/9197/5808>. Acesso em: 12 maio 2021.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL CHILDREN'S EMERGENCY FUND (UNICEF). **Quase 2 milhões de crianças e adolescentes correm o risco de não voltar às aulas em 2020, alerta UNICEF**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/quase-2-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-correm-o-risco-de-nao-voltar-as-aulas>. Acesso em: 27 jan. 2020.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (org.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. 343 p.

III ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (III EPIM)

07 e 08 de Junho de 2021

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. 354 p.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 128 p.